

A photograph of tall grasses, possibly reeds or papyrus, with a white rectangular text box overlaid at the top center. The grasses are in focus, showing their long, thin blades and some seed heads. The background is a soft, out-of-focus green. The text box contains the word "pelikula" in a bold, lowercase, sans-serif font, and below it, "PHOTO ALBUM 2014" in a smaller, uppercase, sans-serif font.

# pelikula

PHOTO ALBUM 2014





pelikula

PHOTO ALBUM 2014

# PELIKULA PHOTO ALBUM 2014

Nº 3 - Edição Anual

Revista Online:

[www.issuu.com/pelikularevista](http://www.issuu.com/pelikularevista)

[www.flickr.com/photos/pelikularevista](http://www.flickr.com/photos/pelikularevista)

Mail: [pelikularevista@yahoo.com](mailto:pelikularevista@yahoo.com)

© pelo autor desse livro. O autor detém direitos autorais exclusivos pelas colaborações neste livro.

A Blurb Inc detém os direitos autorais dos designs de layout/elementos gráficos fornecidos pelo Blurb. Livro criado com o serviço de publicação criativa Blurb.

O autor do livro detém direitos autorais exclusivos por suas colaborações a este livro.





# PELIKULA PHOTO ALBUM 2014

Nº 3 - Edição Anual

**Fundador:** Filipe Carneiro

**Conselho Técnico:** Luís Ferreirinha, Mário Esteves, Zeca Neto, Filipe Carneiro

**Apoio Informático:** Filipe Lourenço

**Princípio Editorial:** “fotografia em cru” - este é o conceito que a revista procura; um pequeno acerto de pós-produção é aceitável.

## **Convite:**

Os apaixonados pela fotografia que pretendam publicar nesta revista poderão enviar as suas fotografias ou artigos de texto para o mail [pelikularevista@yahoo.com](mailto:pelikularevista@yahoo.com) , até ao dia 15.Dezembro.2014.

Pede-se um mínimo de 2000 pixeis no lado pequeno da foto e resolução a 300 ppi.

Assume-se que os trabalhos enviados são de autoria legítima (e têm carácter gratuito) e que os autores permitem o ajuste necessário para uma melhor composição gráfica da revista.

**Revista Online:** [www.issuu.com/pelikularevista](http://www.issuu.com/pelikularevista) ; [www.flickr.com/photos/pelikularevista](http://www.flickr.com/photos/pelikularevista)

**Mail:** [pelikularevista@yahoo.com](mailto:pelikularevista@yahoo.com)

**Tema central:** "CAFÉ-BAR, BLUES-JAZZ, ROCK & ROLL"

**Tema do próximo número 2015:** "FORMAS DE EXPRESSÃO"

**Fotografia da capa:** © Manuel Varzim

## **Fotógrafos:**

Acúrcio Moniz | Alfredo Tomás | Ana Cristina Pereira | Ana Osório | André Rodrigues | António Gonçalves | António Maria Carneiro | António Oliveira | Carlos Costa | Carlos Guerra | Carlos Tiza | Celso Rocha | Clara Magalhães | Cláudia Fernandes | Daniel Rocha | Filipe Carneiro | Gustavo Pires Morais | Inês Carneiro | Joana Guerra | João Mota | Jorge Machado | Jorge Reis | José Loureiro | José Manuel Esteves | Luís Ferreirinha | Manuel Varzim | Maria Antónia Ribeiro | Mário Esteves | Maurício Soares | Miguel Guerra | Napoleão Oliveira | Nelson Santos | Nuno João | Nuno Oliveira | Octávio Carneiro | Paulo Silva | Paulo Soares | Renato Cruz Pereira | Ricardo Duarte | Rita Moniz | Rita Mota | Salomé Carvalho | Sérgio Pereira | “Zeca” José Neto |

“...quark...”

Nada veio comigo. Não sou nada.  
Antes de mim já havia noite e madrugada  
e rouxinóis-poetas nos estios...  
e velas brancas em voos sobre os rios  
e uma lua toda inteira  
e prateada...

Antes de eu ser já tudo era  
o inverno, o outono, o estio, a primavera  
o sol, o rio, a planta orvalhada.  
E sempre houve um renascer de cada coisa  
de toda vez que nela o olhar se poisa  
de toda a vez que ao vê-la  
o sonho impera...

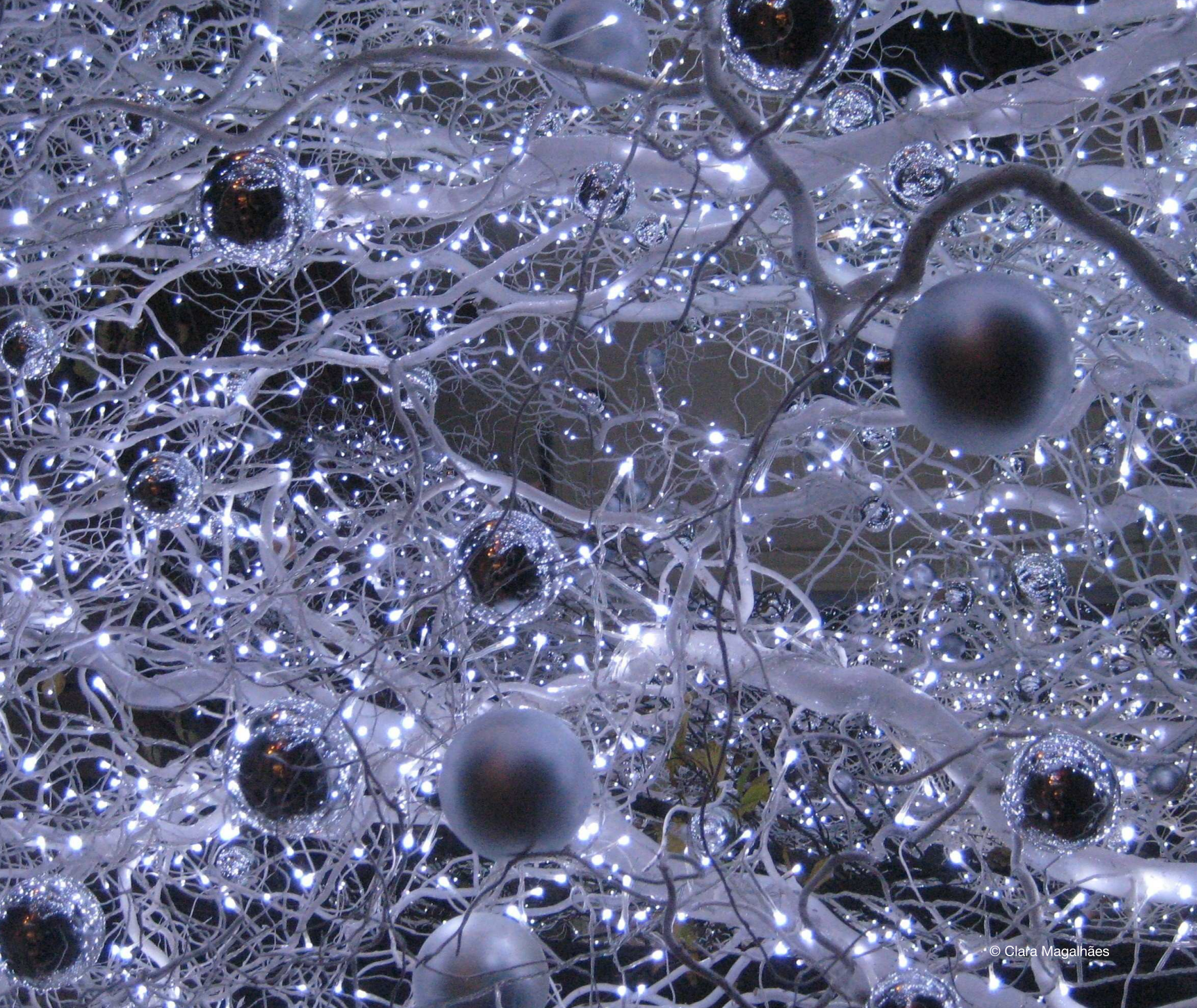
Mas ao lembrar um todo já passado  
percorre-o o olhar agora ainda ligado  
aos caminhos do ontem sem descanso

E ao estendê-la à mão assim tão nua  
(agora, que não toca já a tua)  
tudo será nada mais que um som,  
um verso...

...Mas (...crê-me!...), nós vamos ser em Primavera  
moléculas ou poeira em mansa espera

...luminescentes “quark (s)”  
no Universo...







## O DESAFIO DA FOTOGRAFIA

Conhecemos o fluxo do trabalho fotográfico: Composição, Técnica, Edição/ Impressão

A composição procura e cria a imagem mental; a técnica dirige a câmara no sentido da execução do projeto; a edição/impressão transforma o trabalho desenvolvido numa imagem física final.

Tudo parece fácil. Porque não podemos então, simplesmente, apontar a câmara e registar o que vemos?

A explicação é simples: o olho humano e a câmara não vêem a mesma coisa. Têm uma percepção diferente do mundo.

O cérebro processa informações de forma ativa, atribuindo diferente prioridade aos componentes da imagem. Na câmara a informação é passiva, onde todo o pormenor assume uma importância por igual. Isto pode ser bom ou mau, o que dependerá da capacidade artística do fotógrafo.

As categorias ópticas que distinguem a visão humana do registo da câmara referem-se principalmente ao *ângulo de visão*, *resolução/detalhe*, *sensibilidade dinâmica*.

Outros parâmetros serão também de considerar, embora atualmente sejam mais controláveis pela tecnologia: *balanço de brancos*, *visão estereoscópica* e *gama tonal*.

### *ângulo de visão*

O olho humano distingue dois ângulos de visão: o central (~ 50°) e o periférico (~ 130°). Embora ambos estejam sempre presentes na informação transmitida a nível cerebral, a visão humana discrimina-os, atribuindo um índice de relevância diferente.

O ângulo central corresponde à visão objectiva e em foco. O periférico tem carácter mais subjetivo, menos focado e com alguma distorção. Este último é também muito sensível ao movimento e à presença de objectos de grande dimensão - estas duas características são fundamentais no processo biológico de alerta e defesa.

O processo de visão esquece alguns detalhes indesejados e promove a reconstrução tridimensional. O efeito final traduz-se por um interesse mental seletivo em relação aos diferentes elementos da imagem e também por uma gratificante noção de perspectiva.

A câmara apesar de registar a imagem a duas dimensões permite também essa noção do tridimensional. No entanto, conseguir uma fotografia puramente bidimensional ou puramente tridimensional nem sempre é fácil. A maior parte das fotografias do nosso quotidiano representam um misto entre estes dois conceitos.



### *resolução / detalhe*

Enquanto que na câmara o sensor é plano (pelo menos para já), o sensor do olho humano (a retina) apresenta-se curvo, o que aumenta substancialmente a superfície de exposição à luz. A resolução visual humana corresponde a cerca de 52 megapixel, considerando apenas o ângulo de visão central (40-60°).

Por outro lado, a gravação da informação na retina não decorre pixel a pixel como acontece na câmara. O cérebro reconhece texturas e padrões com maior importância na imagem recebida e, numa curta fracção de tempo, procede ao somatório de vários registos retinianos das áreas com maior significado. Este múltiplo “scanning” aumenta de forma exponencial a resolução e o detalhe.

### *sensibilidade dinâmica*

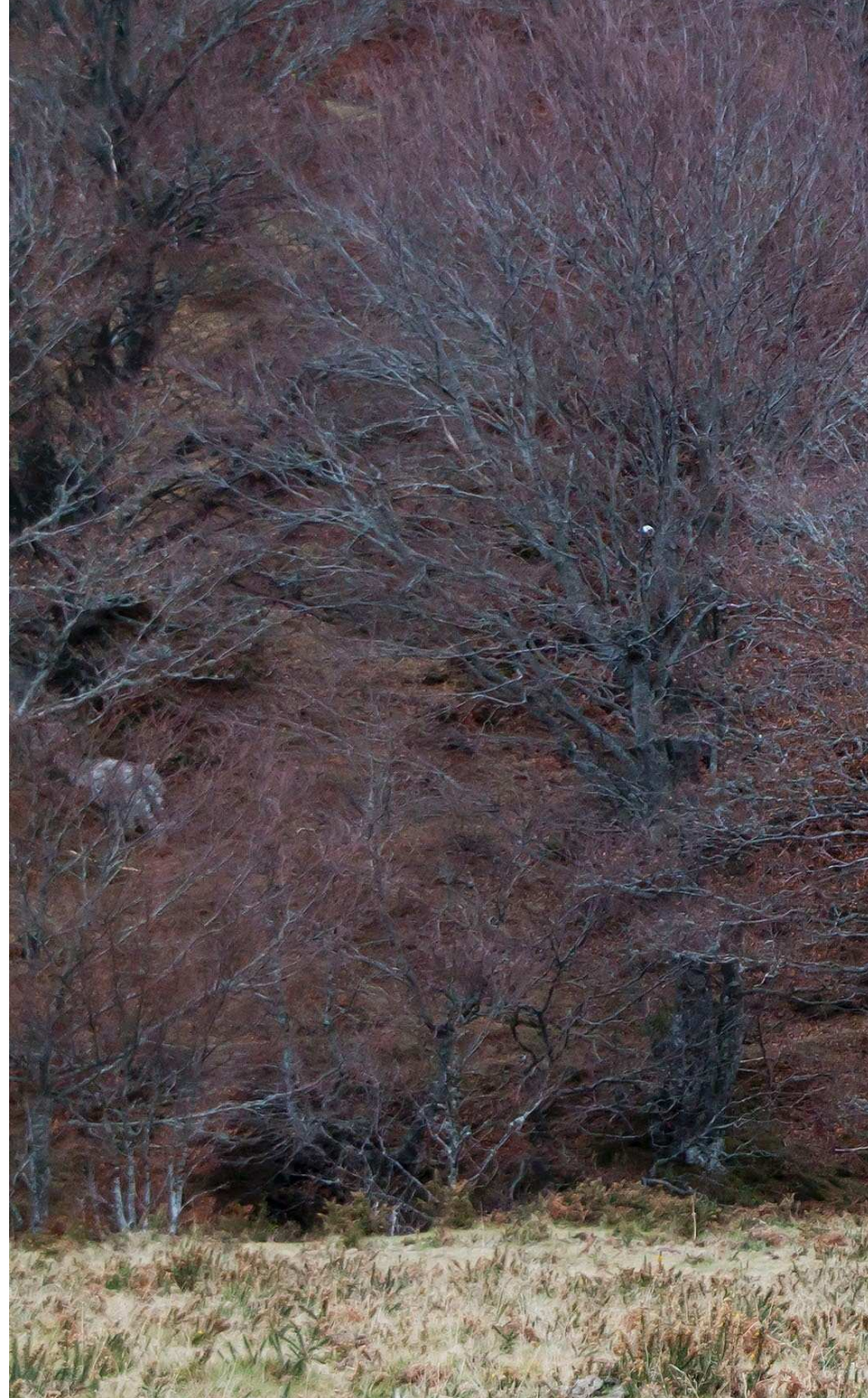
O diafragma humano (pupila) tem uma capacidade de 24 f-stops completos e uma velocidade de resposta instantânea que ultrapassa a eficácia de qualquer máquina fotográfica até hoje construída.

Este dinamismo permanente, em coordenação com o sistema do cristalino (lente humana), conduz a um melhor e mais rápido ajuste nos parâmetros de exposição e focagem.

O olho humano está magnificamente adaptado à luz do dia onde consegue um ISO mínimo de 01. Já para a luz da noite encontra-se mais limitado e apenas alcança um ISO máximo de 500-1000. A câmara tem a vantagem de atingir valores de ISO maiores (embora à custa de algum ruído...) e consegue também mais informação quando é utilizada a técnica de longa exposição; a visão humana não obtém informação adicional para além dos 10-15 seg de exposição.

Em resumo, existe um conceito de complementaridade e união. O fotógrafo compreende que o que realmente vê resulta de uma complexa reconstrução cerebral e que a sua inseparável câmara irá contribuir para essa acção interpretativa.

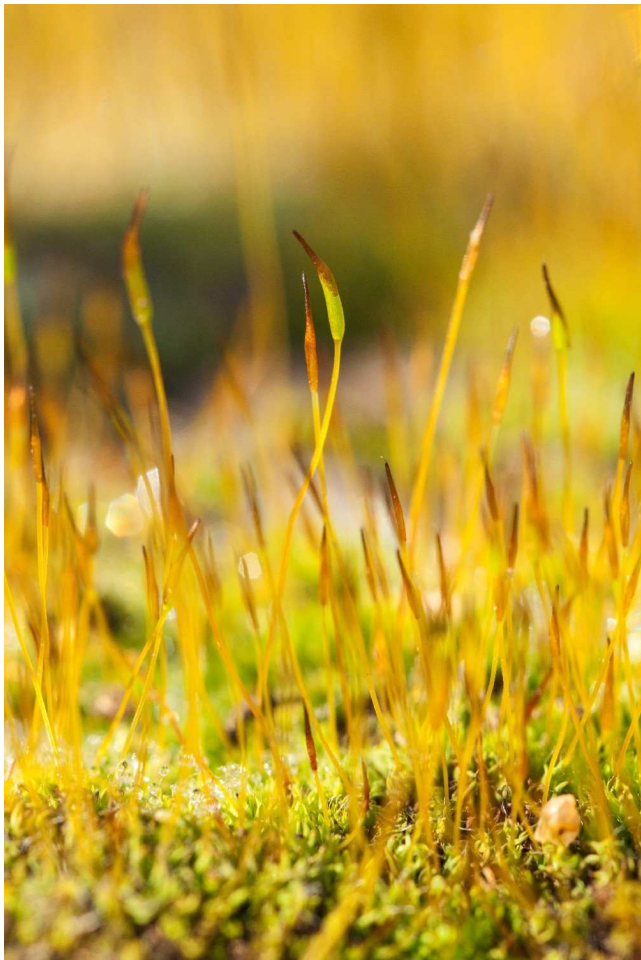
A arte da fotografia e o seu maravilhoso desafio consiste em ensinar a câmara a ver - o verdadeiro, o natural, o abstrato e o imaginário.













Caules Rosa: Um belo "quintal" do Mosteiro de Tibães, uma composição tipicamente campestre.















As viradas à noite completamente despidas pelas investidas do vento, as outras ainda segurando folhas. © Manuel Varzim













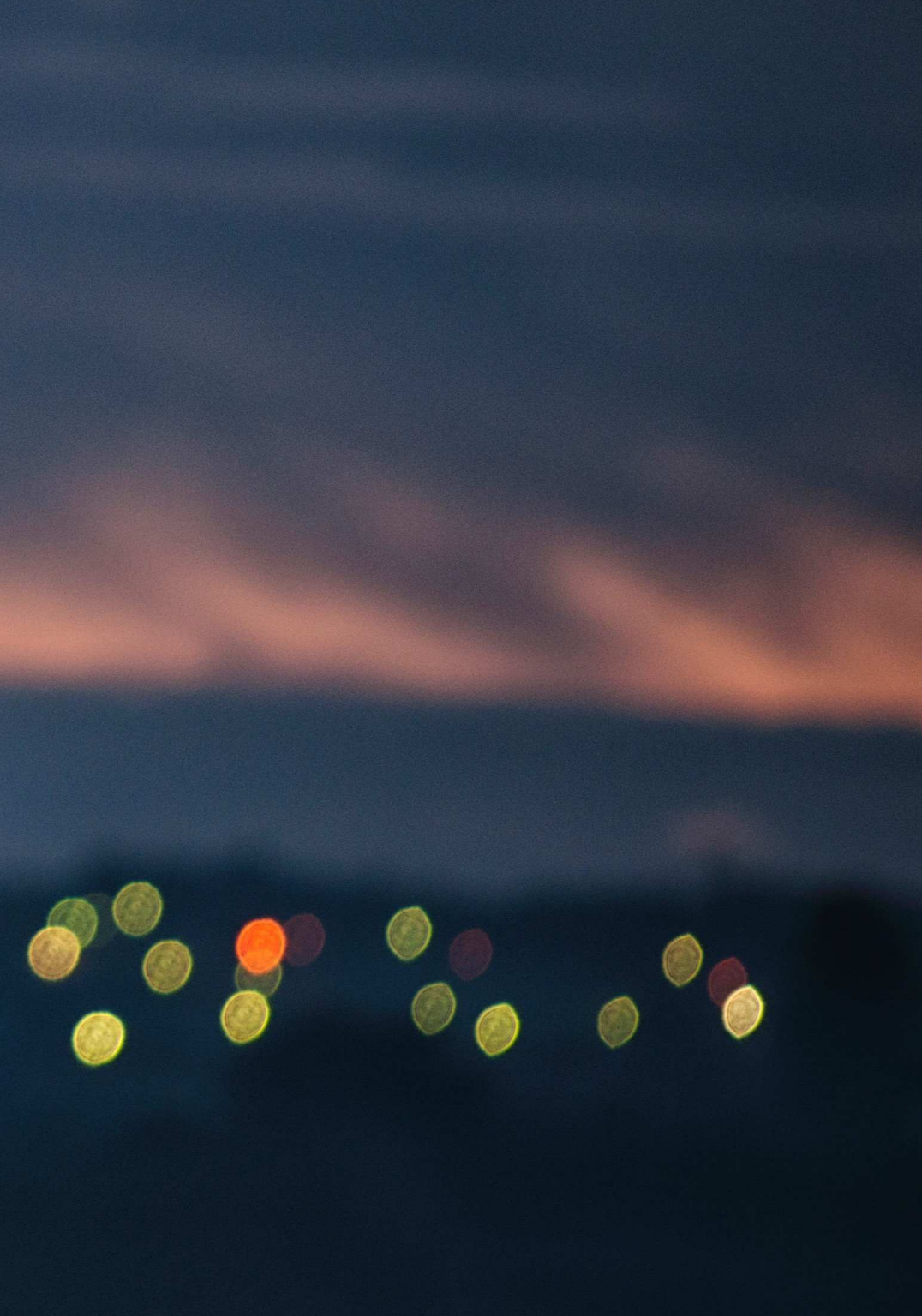












Casario noturno: Paião, perto da Figueira, já quase sem luz natural, quando as luzes de um pequeno aglomerado de casas ganham vida.



















Árvores Dali: Uma singela homenagem a um pintor excepcional, porque os reflexos das árvores me fazem lembrar algumas das formas que usava para os seus temas.





















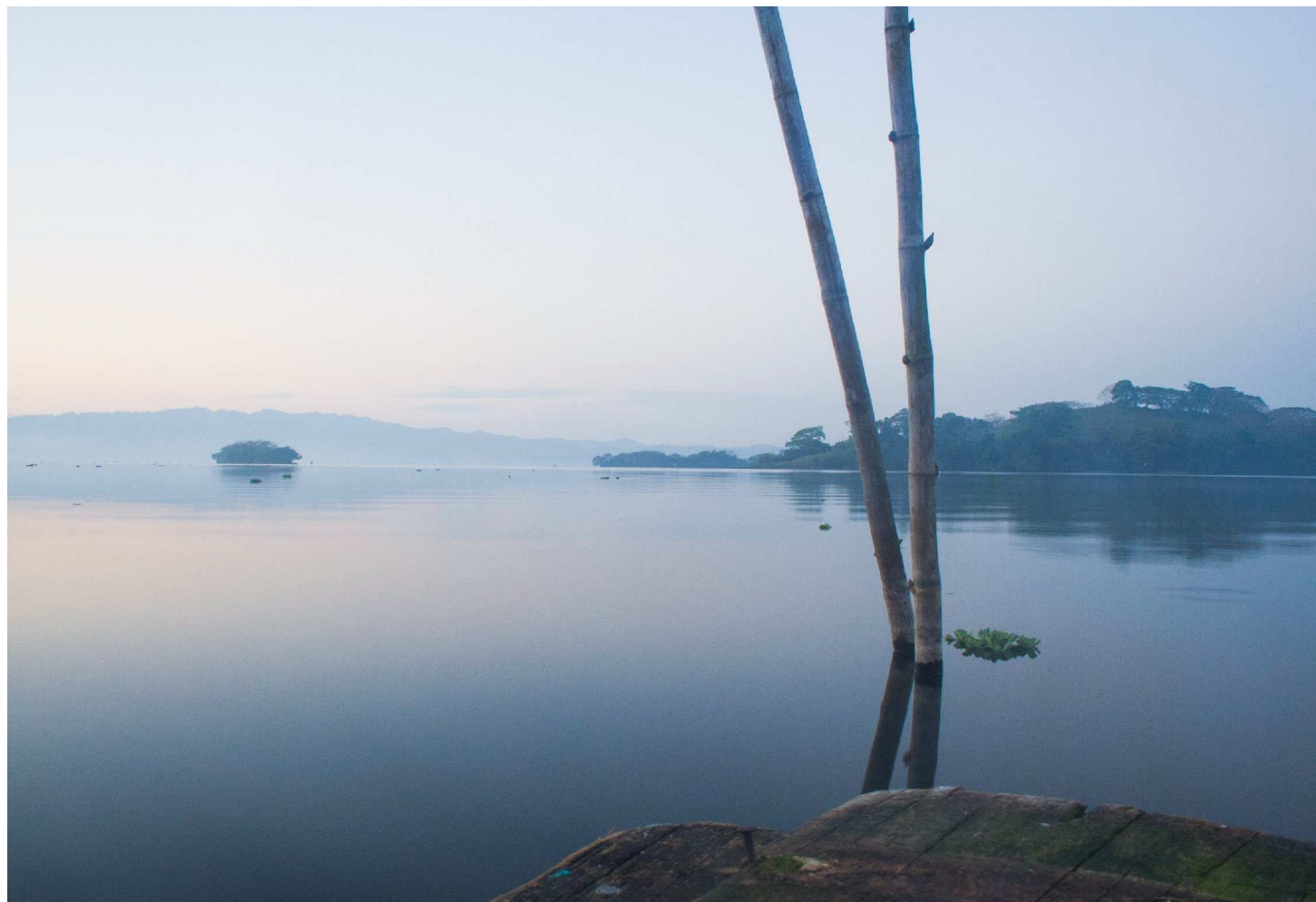
























































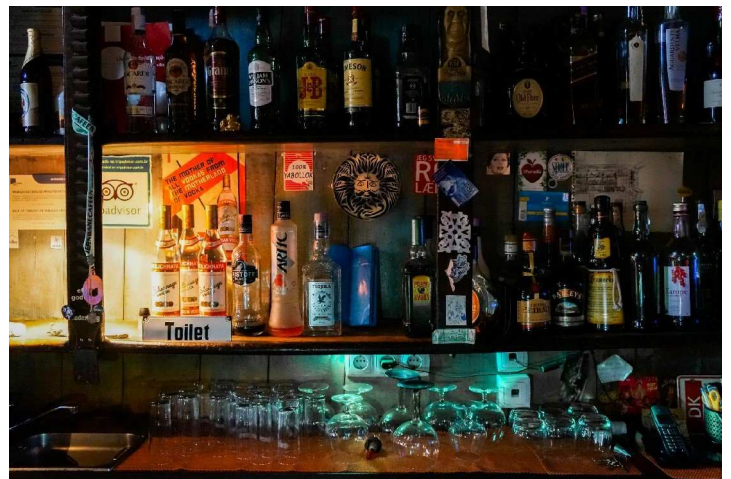




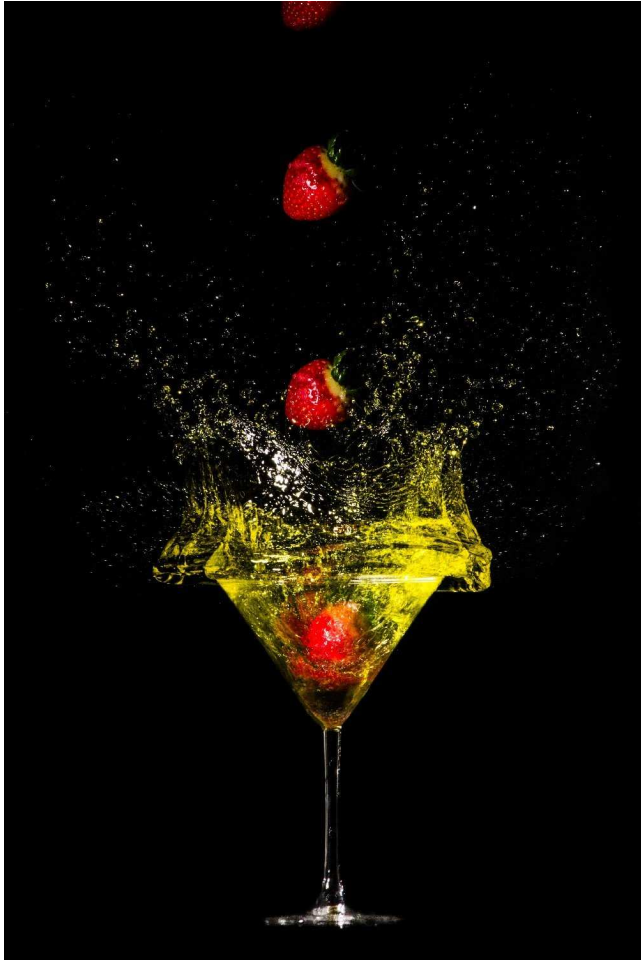






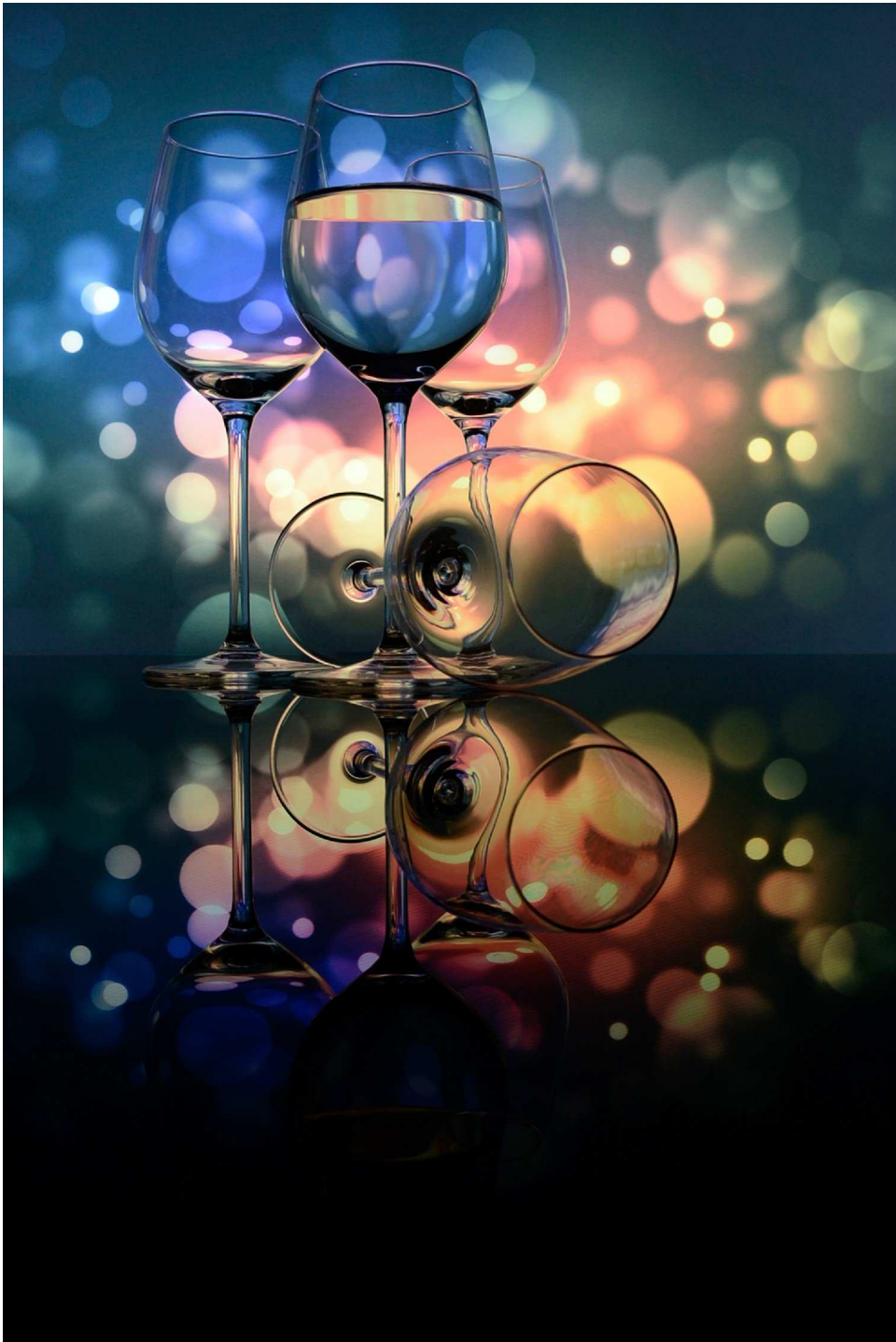






















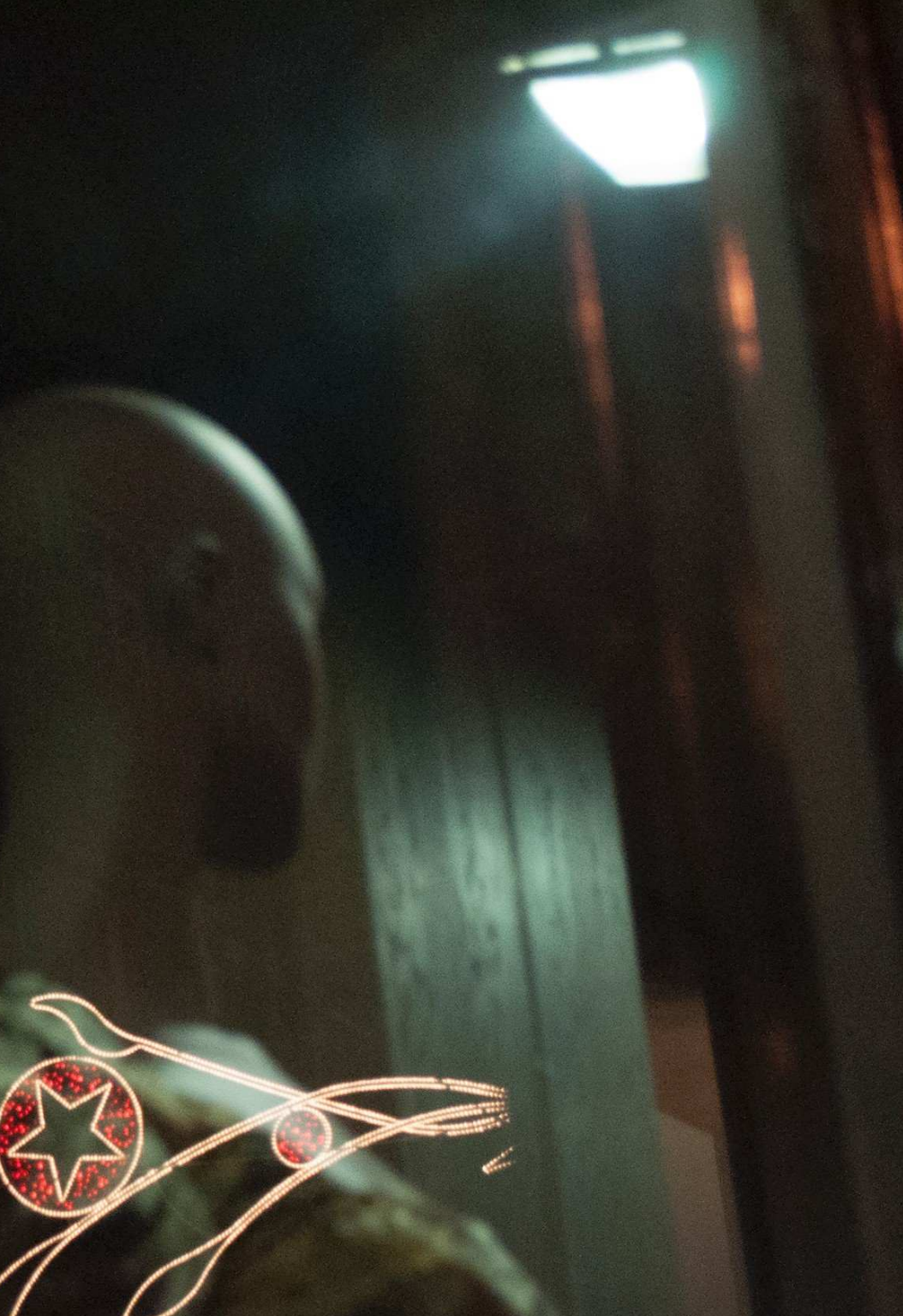






























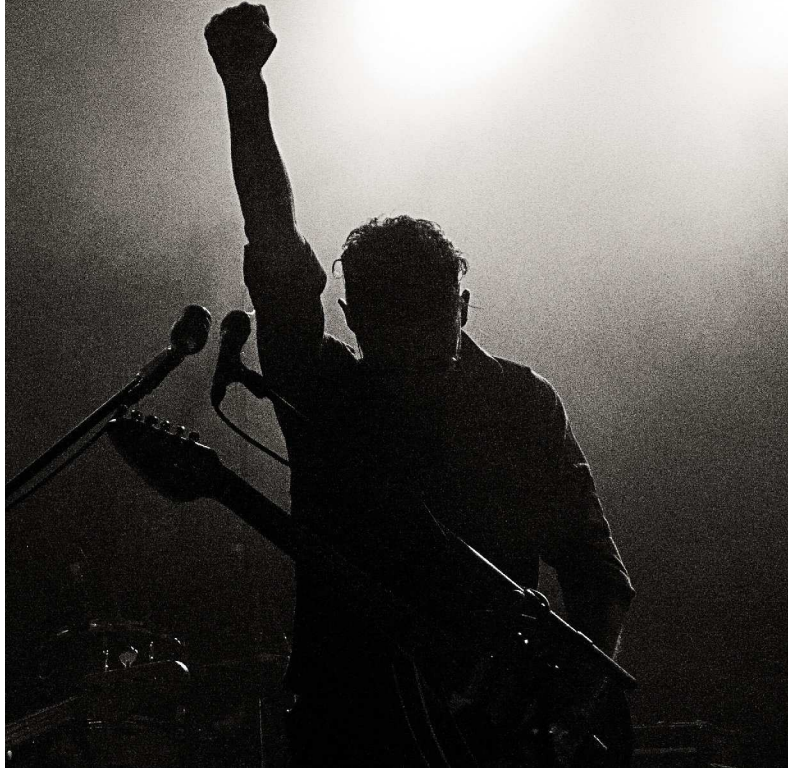




Monólito - Olympus FTL, filme infravermelho Efke 820 nm









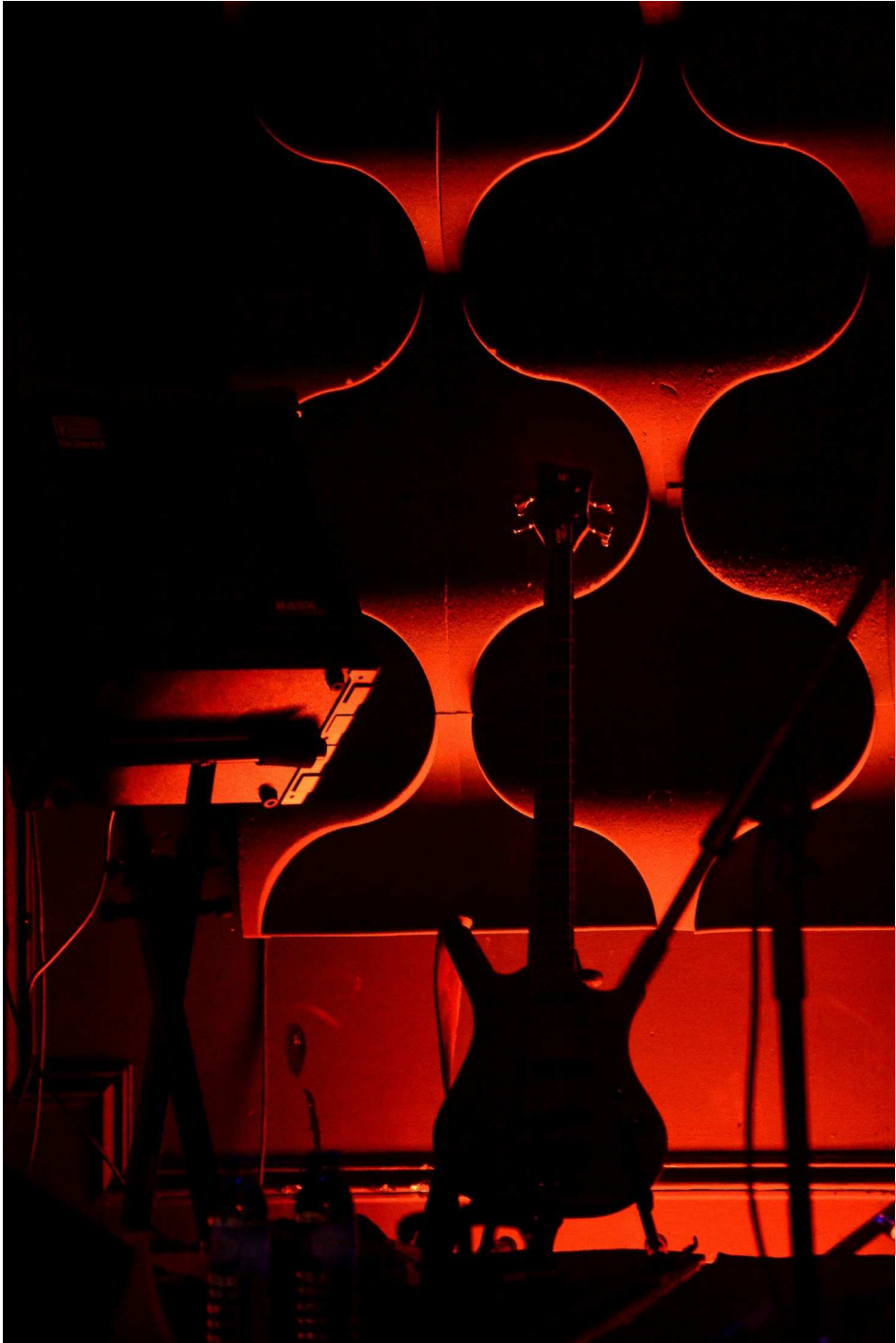








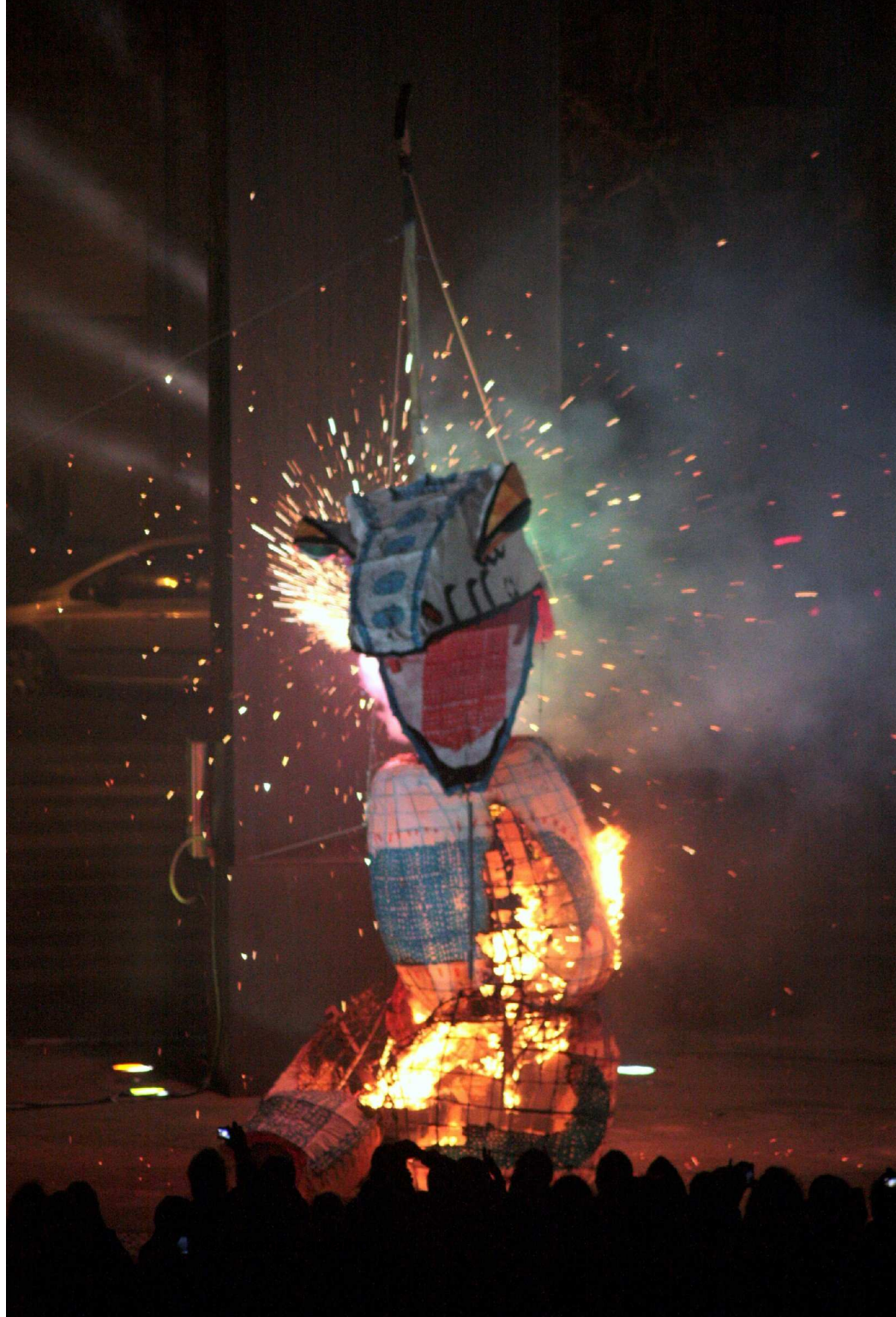








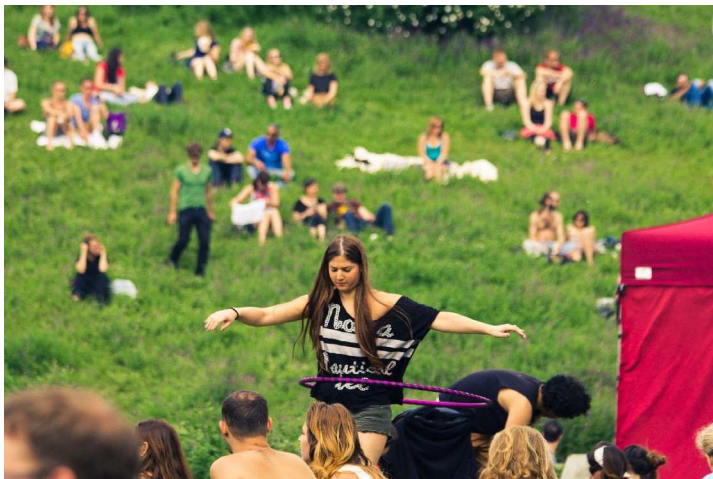


























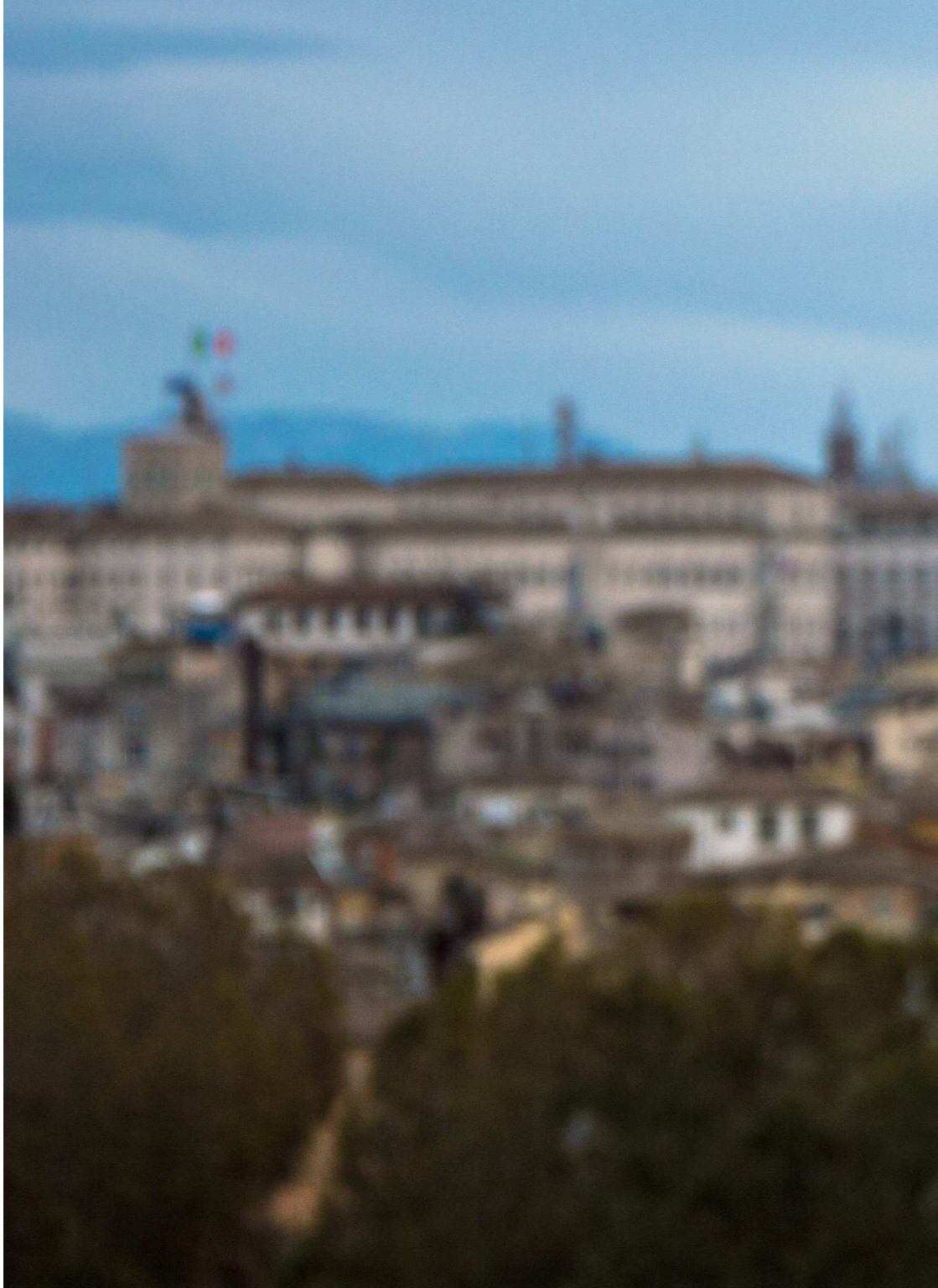


































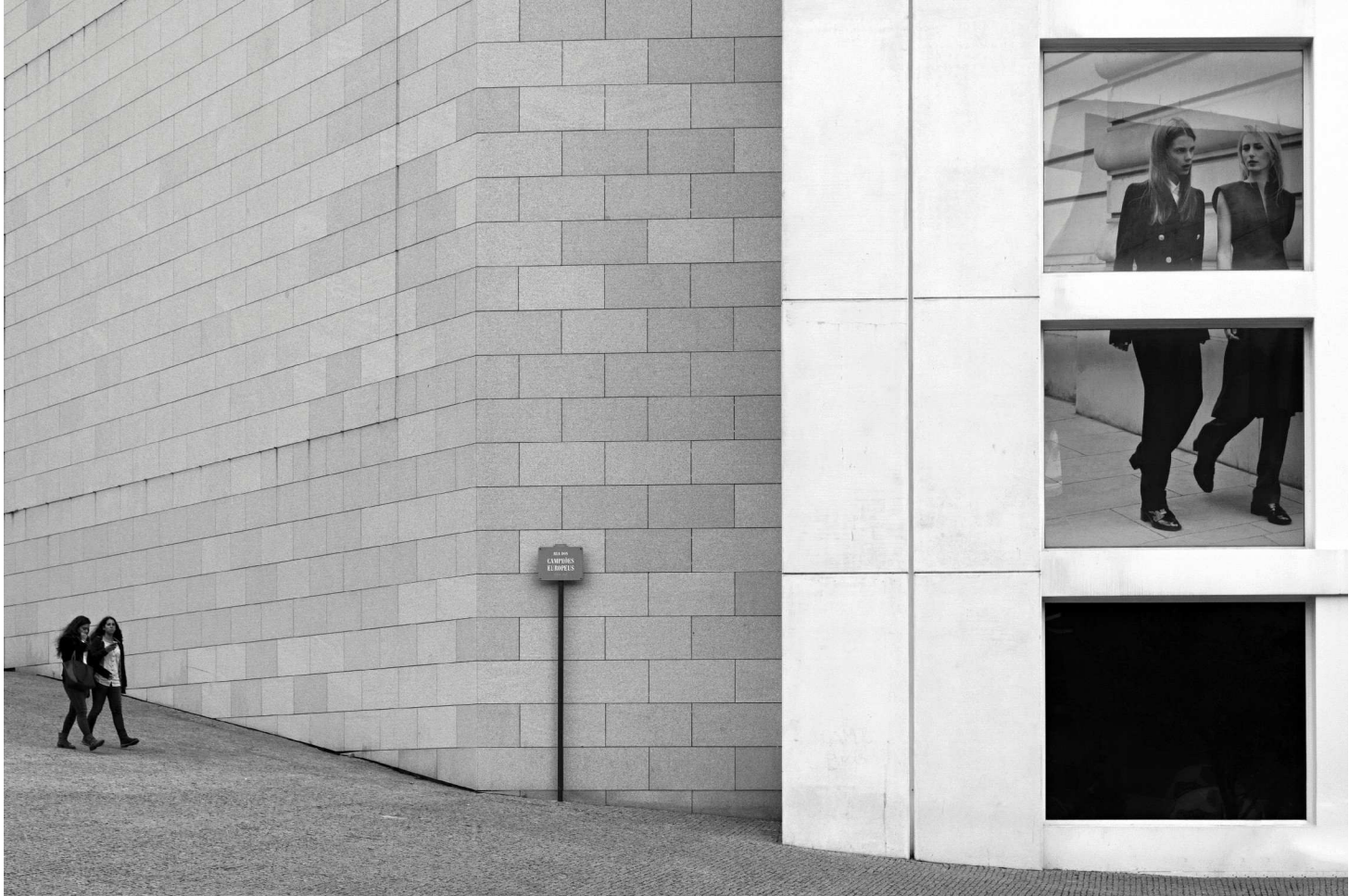




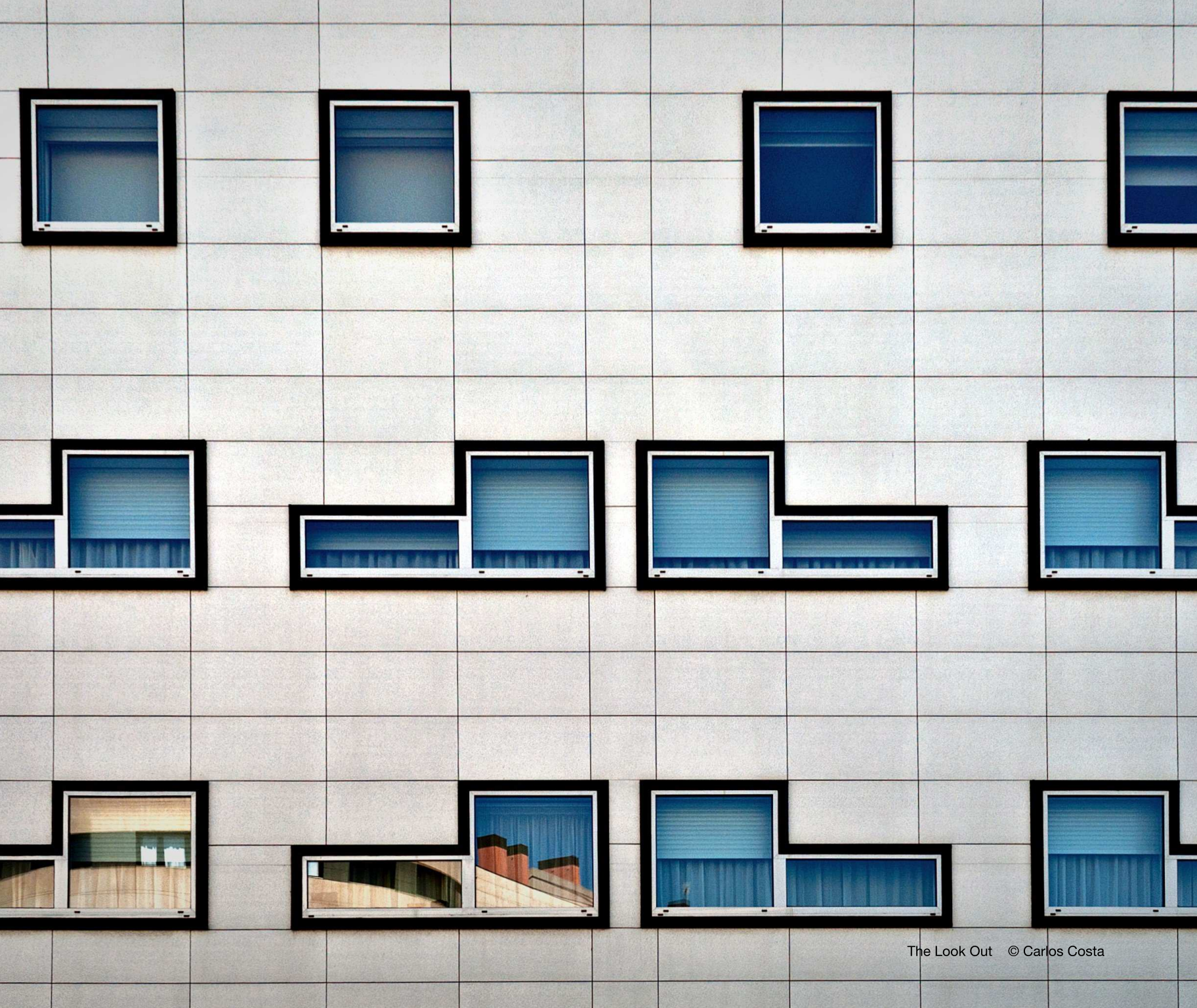




















Braille Eraser

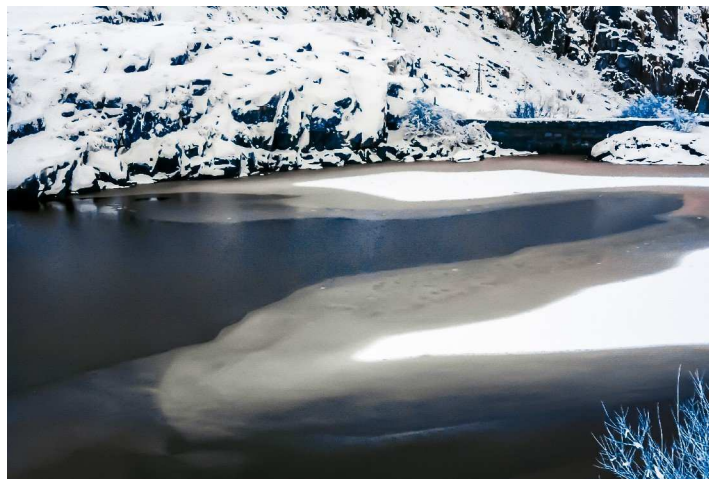
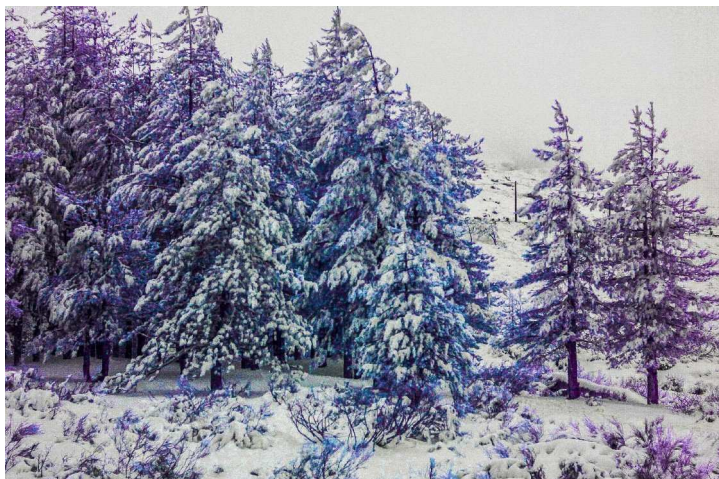
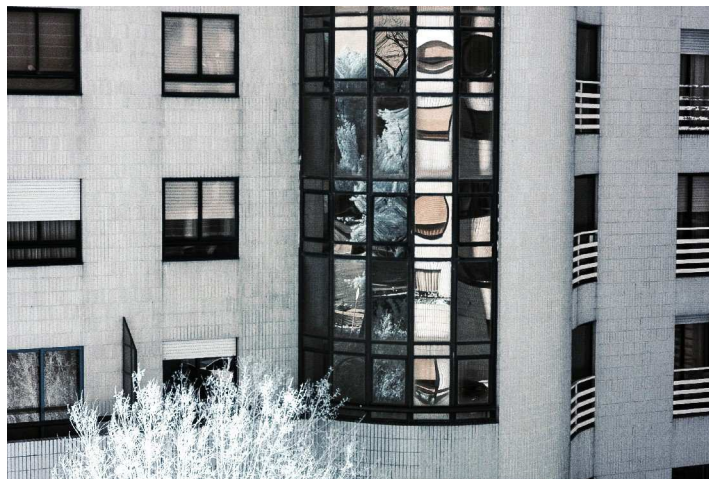
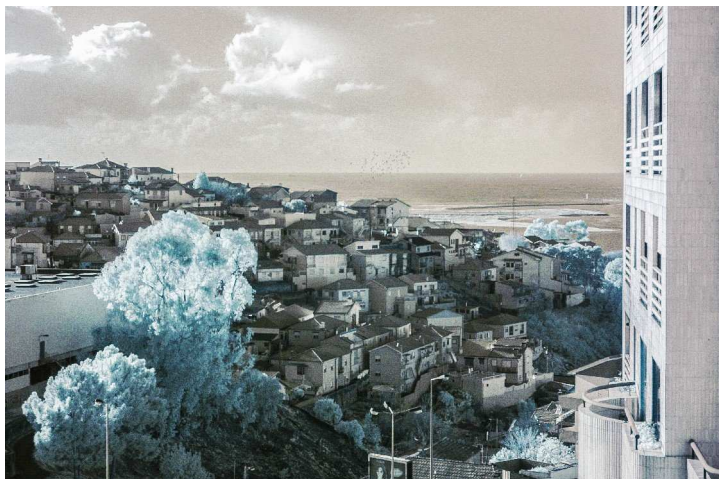


© Carlos Costa











© Octávio Carneiro Olympus FTL , filme infravermelho Efke 820 nm



























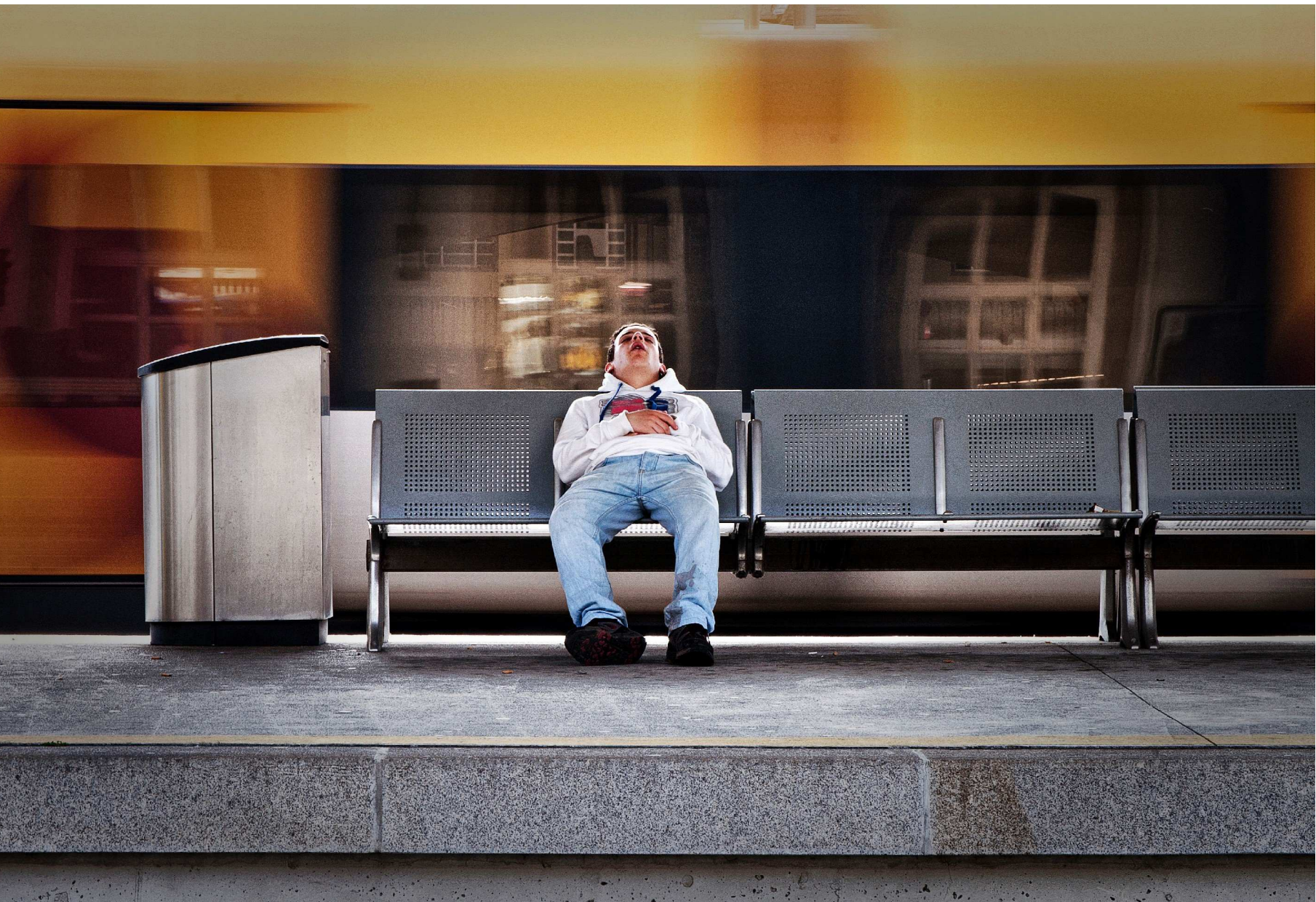


P  
A  
I  
S  
A  
G  
E  
M  
NÃO TEM DONO  
LANDSCAPE HAS

















AMARANTE: E juntamente com o Porto, das cidades que mais me motiva a fotografar "refletida", tirando partido do fotogénico Tâmega que a banha.

© Manuel Varzim











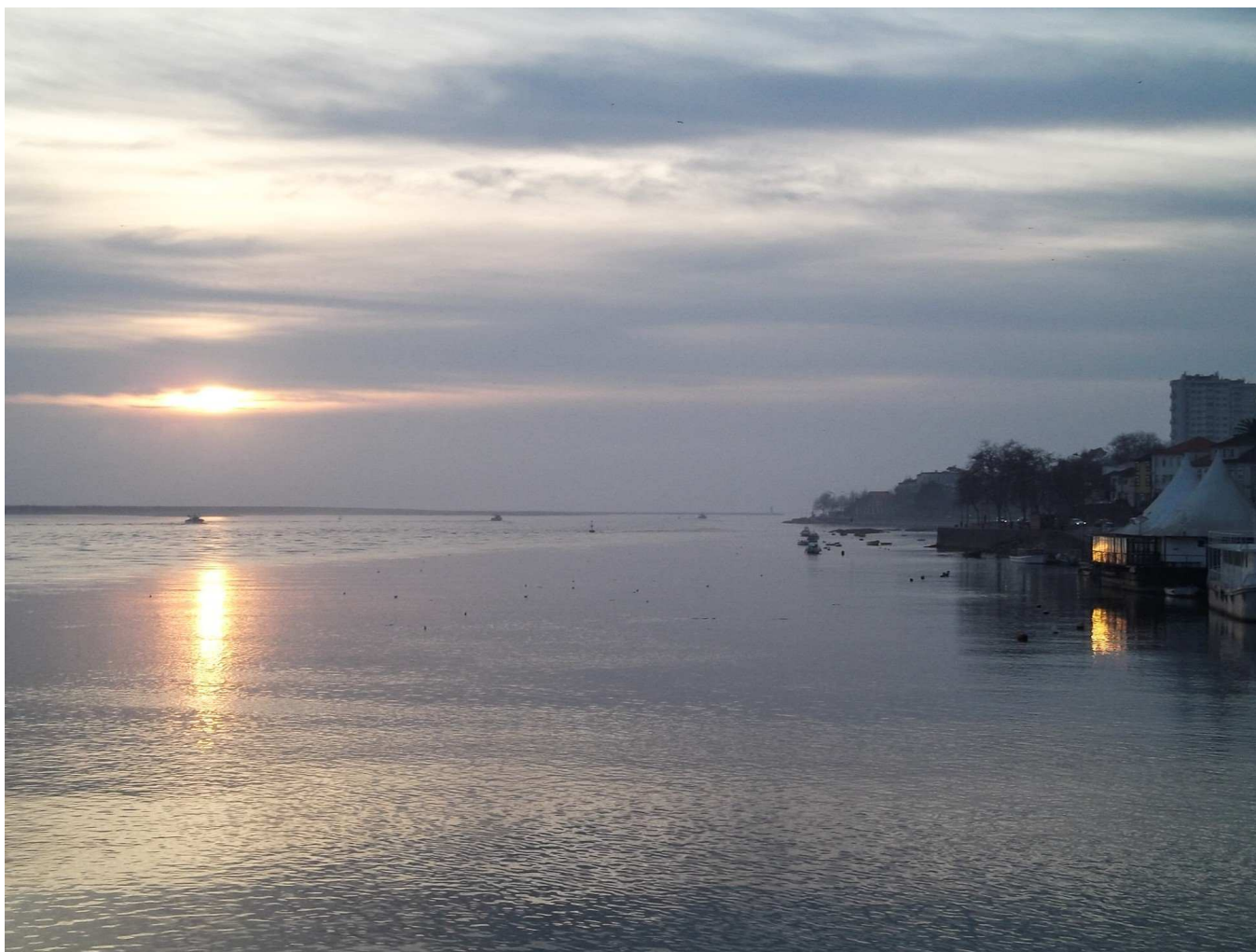






Viana do Castelo, Foz do Lima

© Inês Carneiro



Porto, Foz do Douro

© Maria Antónia Ribeiro









Nas asas de uma gaivota © Luís Ferreirinha











© Jorge Reis



















# pelikula

Café-Bar, Blues-Jazz, Rock & Roll

Máximo Prazer

Mário Rocha e Espaço Macrozoom

Livraria Unicepe 50 anos

"M" de Memória

Decomposição da Alma

A Propósito de...



## CAFÉ-BAR, BLUES-JAZZ, ROCK & ROLL

Semifusa.

Semifusa é o nome de uma das notas musicais mais curtas usadas na notação ocidental actual. A duração de uma semifusa depende da musica tocada, mas, para podermos ter uma referência, se estivermos instalados no sofá a ouvir o clássico "Jonny Be Goode", que Chuck Berry, escreveu falando sobre a sua própria vida, vamos estar certamente a bater o pé, quem sabe a abanar a cabeça e, ao ritmo dessa musica, no espaço de um segundo cabem 30 semifusas. Para os leitores desta revista será mais interessante dizer que dura o mesmo tempo de um disparo com uma velocidade de obturação de 1/30. A palavra parece querer indicar que as notas são tão curtas e rápidas que quase se fundem. Todas juntas fazem muito mais sentido que em separado.

O mesmo se passa com o tema desta edição da revista Pelikula. Café-bar, Blues-jazz, Rock & Roll, são temas que por si só, dariam varias edições, no entanto, todos juntos quase se fundem e fazem muito mais sentido. Num café-bar, podemos encontrar quase todas as formas de Arte de forma directa, e quase todos os assuntos de forma indirecta nas longas horas de conversa com amigos e conhecidos que nos enriquecem como pessoas.

O surgimento dos cafés como ponto de encontro na Europa, começa a desenhar-se numa altura em que por falta de água potável, o álcool era uma bebida muito (talvez demasiado) em voga. Viviam-se em estado de embriaguez quase permanente e então, quando no final do século XVI começam a surgir os primeiros cafés, havia uma boa alternativa à bebedeira matinal. O café estimula as pessoas, física e mentalmente e alimenta acaloradas e frutíferas argumentações. Talvez por isso, foi uma bebida por vezes banida da sociedade, chegando ao limite de ao seu consumo ser atribuída pena capital. Possivelmente seguindo a máxima de que um povo ignorante é mais fácil de dominar.

Ao logo da história, os bares e cafés sempre foram espaços de tertúlias intelectuais, onde as pessoas se encontram para trocar ideias acerca de politica, ciência, e artes como literatura, escultura e poesia. Nos dias de hoje, o café-bar e o café-concerto, permite juntar a estes temas uma outra forma de arte, a minha preferida... a música!

A música é uma das mais antigas formas de arte. Transversal a todas as civilizações, todas as culturas, não só com fins artisticos, mas também comunicativos, educacionais ou mesmo terapêuticos. A Musica acompanha o homem desde a pré-história e a sua forma de passar emoções transforma-a numa linguagem universal capaz de comunicar realidades de outra forma incomunicáveis. Ninguém ensina uma criança que uma aceleração de ritmo manifesta alegria, ou que uma guitarra eléctrica estridente com um andamento forte transmite energia ou revolta. A música, mesmo sem letra, também passa mensagens. A mensagem pode não ser entendida da mesma forma por todas as pessoas, mas isso só a torna mais intrigante e bela.

No Rock essa mensagem torna-se ainda mais clara com a inclusão de letras que chegam a ter cariz de activismo, outras vezes sentimental. O Rock nasce na América e passa recados que vão contra a cultura enraizada nessa sociedade. Propõe-se a dança, e o amor, mesmo desligado do casamento tradicional e convida-se à rebeldia. Mais tarde, pela voz de Bob Dylan, torna-se canção interventiva e Bob Dylan luta, por exemplo, contra a guerra do Vietnam e contra o racismo. Em 1963 Bob Dylan estava ao lado de Martin Luther King na Marcha dos direitos civis sobre Washington.

Antes do *rock* existiram os *blues*. Uma fusão entre a música negra e Europeia e potenciada pelos negros que viajaram para a América como escravos. O nome "*blue*" é usado para definir um estado triste e melancólico, era esse o sentimento que passavam as suas músicas. No final da segunda guerra mundial, há um aumento de consumismo e a guitarra eléctrica passa a ser mais presente nos blues. Os vocalistas passam a ter que assumir uma forma de cantar mais "gritada" para se fazerem ouvir, e os blues tornam-se mais agressivos nascendo o "Rhythm and Blues". Depois mais fusões... Fusão com o Jazz, com o Country com o Gospel, criando novos ritmos e estilos de música, no fundo, criando novas formas de comunicar e de agir activamente na sociedade.

A música não activa apenas o sentido da audição, surge muitas vezes ligada à imagem. Seja a imagem de um determinado artista ou a imagem de um movimento cultural que se veste de determinada maneira, dando a sensação de que a música que ouve define a sua forma de vestir, de agir e de pensar (e também de caminhar...). Em 1981 com o surgimento da MTV, a relação entre música e imagem é muito reforçada, passando a existir uma relação directa entre uma música e um videoclip ou entre uma banda e a sua imagem. Hoje em dia são indissociáveis e, com muita pena minha, assistimos a casos em que a imagem é o mais importante, ultrapassando a música e a mensagem inerente.

Na sétima arte é também preponderante a presença da primeira, usada sempre para reforçar a forma como se conta uma história. O cinema aproveita a universalidade da comunicação musical. Sem sequer estar consciente disso, quem vê um filme absorve um recado que não é transmitido por nenhuma das personagens. Será que alguma das meninas que chorou no final do Titanic o faria se Jack se afundasse ao som de "Smoke on the Water" ou "Macarena" ? Como outros exemplos da relação estreita entre música e cinema, temos o caso de Jim Morrison que estudou técnicas cinematográficas e aplicou-as muito bem, criando uma imagem única associada aos Doors. Os Beatles, lançaram em 1964 o filme "A Hard Day's Night" que usaram para promover o álbum e a banda.

Chuck Berry teve que fazer algumas alterações para que a sua música nos pudesse chegar da forma imortal que chegou. Por exemplo, a frase "That little country boy could play", começou por ser, "That little colored boy can play", mas Chuck Berry teve que a alterar para que a sua música passasse nas rádios. O consumo de cafés foi proibido e teve pena capital, o consumo de álcool foi banido por exemplo pela lei seca americana, o rock and roll foi também banido em diversos locais e partes da história. As manifestações públicas de livre opinião eram proibidas no nosso país sem ser necessário recuar muito no tempo.

Uma semifusa é uma nota musical muito curta mas não é por isso que perde a importância numa obra. Devemos encarar a vida como uma semifusa de uma obra maior, uma obra de gerações passadas e futuras. Devemos valorizar esta semifusa em que vivemos, que nos permite ir a um bar, assistir a um concerto, tomar um café, beber um Martini, conversar livremente com os amigos e, sem compromisso, cultivarmo-nos.

"Toda a cultura é um diálogo com o seu tempo" - *Vergílio Ferreira*

António Oliveira



## MÁXIMO PRAZER

*"Cigar smoking knows no politics. It's about the pursuit of pleasure, taste, and aroma."*

- **Unknown**

O máximo prazer?

Degustar um charuto. Haverá situação mais forte que fomente a totalidade dos nossos sentidos?

*"Gentlemen, you may smoke."*

-- **King Edward VII**

Muitas vezes comparamos a degustação de um charuto ao ato de provar um bom vinho e a analogia até será adequada uma vez que as papilas gustativas são o melhor condutor do prazer de um "puro". Degustar, a complexidade e uma perfeita combinação de sabores, é comparável ao prazer que provoca um vinho excelente ou uma comida confeccionada pelo melhor *Chef*. Mas, se de facto existem regras para se apreciar um charuto, a primeira será a de não inalar o seu fumo, mas antes retê-lo na boca durante uns instantes, exalar e observar como ascende na atmosfera.

O fumo não é um elemento secundário, mas sim a chave do prazer. Não só se apresenta como um momento de contemplação, mas nele residem o sabor e o aroma, deixando latente o seu gosto particular: a noz, a madeira, picante, suave ou intenso, acre, sublime, apimentado... Algo que é difícil exprimir por palavras, apenas em fumo, talvez a mais efêmera de todas as substâncias.

*"If I cannot smoke in heaven, then I shall not go."*

- **Mark Twain**

Não devemos degustar um "puro" de maneira precipitada, mas antes manter um equilíbrio entre nós e o nosso charuto. Quanto mais rápido o degustarmos, menos sensação haverá na nossa experiência. Este prazer contemplativo não se compadece com actos menos elegantes como exalar enormes quantidades de fumo. Se tal acontecer, o charuto aquecerá em demasia e terá um sabor amargo. Saborear com tranquilidade poderá render prazer por mais de 45 minutos. Durante este tempo a "cabeça" do charuto deverá estar o mais seca possível, pelo que se deve evitar reter demasiado tempo na boca. Deve ser segurado com firmeza, mas sem apertar.

Quando começamos a perceber os matizes do sabor compreenderemos que a primeira metade do charuto difere da segunda. À medida que se consome, o sabor modifica-se, a intensidade do fumo aumenta e, num determinado momento, que varia de charuto para charuto, o sabor intensifica-se. Esta alteração no sabor nem sempre é positiva já que se produz normalmente após se ter consumido uma terça parte do charuto e, muitos apreciadores, entendem este momento como aquele em que o puro já libertou a sua verdadeira essência, nada mais restando do que o apagar. Quem não o fizer terá uma sensação desagradável na boca, chegando o charuto à sua máxima acidez.

"A good Cuban cigar closes the door to the vulgarities of the world."

- **Franz Liszt, Composer**

Ao longo da sua vida, curta mas apaixonante, os charutos deixam atrás de si uma marca da sua existência: a cinza!

"Cigar smoking actively encouraged."

- **sign in a London restaurant**

Uma boa combustão produz uma cinza larga, firme e, no mundo dos "puros", reina a convicção que uma cinza de qualidade deverá ser branca. De facto, a cinza é um bom indicador da confecção de um charuto pelo que uma cinza que se apresente em forma de copo é sinal de um charuto de menor qualidade e/ou mal enrolado. Já a sua cor será tecnicamente irrelevante, embora em termos estéticos a cinza branca seja a preferida dos aficionados. Olhar para o nosso puro e verificar que sustenta uma cinza branca, firme, de dois ou três centímetros de comprimento é um deleite para os entendedores de charutos. O acumular da cinza no charuto é importante uma vez que permite comprimir o sabor e o aroma, tornando a experiência mais intensa. Mas lá chegará o momento em que deverá ser depositada no cinzeiro.

E é o cinzeiro que deverá ser considerado o lugar do repouso final do charuto. Devemos deixar que se apague por si – será consumido rapidamente e não deixará qualquer odor. Se o apagarmos com os dedos apenas conseguiremos produzir fumos desagradáveis e o odor de um charuto frio e apagado não se poderá considerar uma boa fragância.

"To smoke is human; to smoke cigars is divine."

- **Unknown**

Boa degustação!

A cigar has "... a fire at one end and a fool at the other."

- **Horace Greely**

Me

Mário Esteves

Fontes: Cigar aficionado magazine; "The Connoisseur's Book of the Cigar"; Z. Davidoff (with the collaboration of Gilles Lambert. Translated from the French by Lawrence Grow.) McGraw-Hill, New York, 1969; Cigar Aficionado's World of Cigars"; By Marvin R. Shanken. Courage books, 1996; "The Ultimate Cigar Book"; Richard Carleton Hacker, Autumgold Publishing Beverly Hills, CA, 1996



## MÁRIO ROCHA

e ESPAÇO MACROZOOM

Rua Sá da Bandeira, nº 331, 6º  
4000-435 Porto  
Telf: 222 081 241



A cerca de 1300 metros de altitude o vento soprava forte e a neve caía com intensidade. Estavam 6 graus negativos naquele bosque denso e gelado da Serra Amarela, em Ponte da Barca, Parque Nacional Peneda-Gerês.

Estava difícil conseguir alguma foto mais interessante... O vento gelava os dedos e a neve acumulava-se na câmara. Dirigi-me para o abrigo, um posto de telecomunicações da RTP. Quando entrei, ocorreu quase imediatamente condensação nos meus óculos e na máquina fotográfica (por fora e..., por dentro).

Foi assim que avariei a minha Nikon D70 , o que me levou a conhecer Mário Rocha e o Espaço Macrozoom. Já lá vão cerca de 5 anos.



MÁRIO ROCHA, 61 anos, Tripeiro e Fotógrafo.

Terminada a 4ª classe foi trabalhar como aprendiz de fotografia, no “Estúdio Fraga”, situado na Rua do Bonjardim. Casa de grande reputação na cidade do Porto, dedicava-se à reportagem e reprodução, aceitando inúmeras encomendas para a maior parte dos quiosques da cidade.

Cerca de um milhar de trabalhos chegava diariamente até às 11h da manhã; a revelação do filme processava-se até às 13h; secagem à hora do almoço e impressão até às 14h30; entrega dos trabalhos até às 18h.

Vivia-se na era do preto e branco, do papel mate serrilhado com vinco em baixo relevo - dobrado à mão e com régua. Mais tarde apareceu a esmaltadeira rotativa que introduziu um brilho vítreo às fotos; os tanques de revelação passaram a ser verticais (para evitar riscos na película) e então surgiu a fotografia a cores e os diapositivos.

Mário Rocha foi ganhando conhecimento e experiência, tornando-se um perito em todas estas áreas. Aos 16 anos adquiriu a Carteira Profissional de Impressor Fotográfico, cujo exame era realizado na antiga Photomaton.

Desde cedo mostrou o seu carácter dinâmico e inovador e, com uma dedicação incedível, pediu à gerência da firma autorização para produzir concentrados de químicos reveladores, que até então eram comprados a granel em lojas dispersas. Este novo método reduziu o nível global dos custos e ao mesmo tempo permitiu criar uma linha de fabrico e venda destes produtos a outras firmas. A ideia veio para ficar e ainda hoje muitas empresas comercializam os seus produtos fotográficos na forma concentrada, o que melhora o seu estado de conservação e durabilidade.

A casa Fraga vivia também do aluguer de pequenas câmaras, tipo *Diana* e *Bilora*. Quando avariavam iam para o lixo. Mário Rocha propôs-se a reparar essas câmaras condenadas e iniciou assim o seu percurso como Técnico de Mecânica de Alta Precisão.

Foi nessa altura que o seu patrão lhe financiou uma fantástica Konica Reflex f1,4 no valor de 8000\$00 (20€), a ser paga em prestações. Esta máquina permitiu-lhe descobrir novos horizontes no *modus operandi* fotográfico. Dedicou-se preferencialmente à fotografia da natureza e macrofotografia, vendendo a professores de Biologia e Ciências muitos dos seus trabalhos - flores, nenúfares, pequenos répteis, insectos, etc.

Aos 19 anos entrou como sócio da Associação Fotográfica do Porto no intuito de dinamizar a parte técnica. Também nessa época ingressou no Serviço Militar e foi o responsável pela secção Foto-Cine. Encontrava-se no final da tropa quando se deu o 25 de Abril de 1974.

No contexto da revolução dos cravos, com tudo o que de bom e de menos bom isso significou, algumas empresas ficaram em auto-gestão. Foi então convidado para chefiar o sector técnico da *Fujifilm* que se encontrava perto do colapso. Manteve-se nesta empresa durante alguns anos conseguindo a sua recuperação. Mais tarde estabeleceu-se por conta própria na Rua Passos Manuel. Desde essa altura foi sempre proprietário, isoladamente ou com outros associados. Adquiriu a licença de distribuidor autorizado de marcas consagradas como a Leica, Nikon, Minolta, Kodak, Chinon e Zenit.



Em 1992, com 40 anos de idade criou o *EspaçoZoom* no Centro Invictos do Porto, provavelmente a maior área comercial do nosso país dedicada à fotografia. Além atividade comercial habitual, continuou a agradar-lhe especialmente a reparação de material fotográfico. Nessa altura iniciou um novo capítulo na sua actividade profissional, passando a ministrar cursos de fotografia de carácter básico e avançado.

Na época do Porto 2001 - Cidade Europeia da Cultura, com as suas obras infindáveis e maus acessos para aquela zona da cidade e com a coincidência do aparecimento em massa do digital “em que todos são fotógrafos...”, repensou a sua actividade profissional. Mudou de local e alterou um pouco o rumo dos seus objectivos. Criou a actual *Macrozoom*, localizada num 6º andar e algo afastada do público comum.

Centrou assim o seu interesse nos seguintes itens:

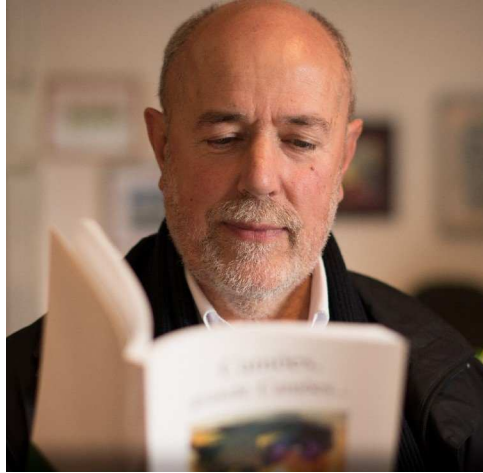
- Reparação Técnica
- Compra e Venda de material especializado
- Formação: Cursos Básicos e Avançados, Oficinas de Fotografia
- Produção de Foto-Books

Posso dizer que tive a sorte de conhecer Mário Rocha e o Espaço Macrozoom. Por algumas vezes recorri aos seus serviços de reparação de material fotográfico, analógico e digital, que outrora alguns me tinham afirmado irreparável.

Mas acima de tudo conheci o Homem e o Fotógrafo com quem tanto tenho aprendido.

Muito obrigado.

Filipe Carneiro



Dr. Rui Vaz Pinto, Presidente da Direção



Cooperativa Livreira de Estudantes do Porto

### à UNICEPE, 51º ano!

Em 19 de novembro de 2013, a UNICEPE – Cooperativa Livreira de Estudantes do Porto, CRL, completou 50 anos!

Concebida na “República 24 de março”, onde surgiu a ideia de criar uma cooperativa que permitisse reduzir o preço de aquisição dos livros e o acesso a outros proibidos pela censura, a UNICEPE nasceu a 19 de novembro do ano de 1963.

Depois de breve passagem pela Rua José Falcão, fixou a sede na Praça de Carlos Alberto,

1º andar do nº 128-A, esquina com a Praça Gomes Teixeira (vulgo “Praça dos Leões”), onde ainda continua.

O facto de se situar mesmo em frente à Universidade do Porto facilitava a vinda dos estudantes, de tal modo que em 24 de abril de 1974 o número de inscrições de associados já atingira 3810.

Naturalmente, aqui se trocavam ideias e foi onde muitos começaram a adquirir consciência do país em que viviam.

Era a resposta resposta organizada à perseguição movida às Associações de Estudantes.

Por vezes, aparecia a polícia com mandados de

apreensão de livros ou discos. Outras vezes, levava-os mesmo sem mandado, não respeitando as suas próprias leis. Em ambos os casos, prejudicando a cooperativa.

E agora, quarenta e tal anos volvidos desde esses sinistros dias, custa a crer que essas apreensões incluíssem, por exemplo, os discos de Zeca Afonso, com as suas maravilhosas canções de que se gosta mais e mais, cada dia que passa...



Porque o espaço era reduzido, algumas tertúlias organizadas pela UNICEPE eram efetuadas em cooperação com a Cooperativa ÁRVORE, o Clube Português de Cinematografia – CINECLUBE DO PORTO ou a COOPERATIVA DO PORTO PORTUENSE. A esta, veio falar António José Saraiva, pela primeira vez durante o exílio em França. Também Armando Bacelar, Armando de Castro, Augusto da Costa Dias, Ferreira de Castro, Jofre do Amaral Nogueira, Mário Sacramento, Óscar Lopes, foram outros dos que participavam nas tertúlias. A divulgação da Cooperativa também se fazia por publicações: “Boletim”, “Estante”, “Rodaviva” (que também foi programa de rádio, inovador com entrevistas telefónicas), “Latitude”.

Depois do 25 de abril de 1974, em liberdade, a UNICEPE continuou a crescer, não só em número de associados como na realização de atividades culturais. Poetas, escritores, músicos, artistas plásticos e outros têm passado pela cooperativa em tertúlias, com muito diálogo e passagem de testemunho histórico e emocional. José Saramago foi um deles. Esteve em 1984, ano e meio depois de ter lançado *O Memorial do Convento*. A sala estava a abarrotar... Aqui anunciou *O ano da Morte de Ricardo Reis*. Foi uma noite memorável.

Em 1993, coordenado por Viale Moutinho, tivemos um ciclo semanal, que se chamou *Primeiro Encontro Porto-Galiza*, a que vieram vários poetas galegos. E também Isaac Díaz Pardo (Santiago de Compostela, 1920-2012), presidente da Cerâmica de Sargadelos, que veio inaugurar uma grande exposição-venda.

Além de muitas apresentações de livros e exposições de pintura e de cerâmica (com oleiros do Alentejo a trabalhar no passeio) e algumas viagens culturais, em Portugal, Galiza e Granada, desde 1996 temos desenvolvido atividades calendarizadas:

- Jantar de Amizade UNICEPE: já efetuámos 134, sobre os temas mais heterogêneos, com convidados de Japão, Timor, Moçambique, Angola, Guiné, Argentina, Chile, Brasil, Cuba, Panamá, EUA e Espanha.
- Memórias da Música: Audição de cantores ou temas, com explanações de Jorge Ribeiro.
- Noites de Poesia e Música: apresentação de José Silva e poesia dita pelos “anónimos” presentes, intercalada pela voz e guitarra de cantora(e)s amiga(o)s.
- Encontros de Escritores Portuenses: igualmente com apresentação de José Silva e leituras pelos “anónimos” presentes, também intercaladas por canções de amiga(o)s.
- Roda de Choro do Porto: idealizada por Eduardo Baltar Soares e Tiago Cassola.
- Bairro dos Livros

Todas as atividades são anunciadas em [www.unicepe.pt](http://www.unicepe.pt) e por e-mail a quem no-lo pedir por [unicepe@net.novis.pt](mailto:unicepe@net.novis.pt)  
Por motivos especiais, também temos editado alguns livros. Apenas 25 em 50 anos. A lista pode ser consultada em [www.unicepe.pt/edico.html](http://www.unicepe.pt/edico.html)  
E duas serigrafias, oferecidas por Roberto Merino e Agostinho Santos, ambas elaboradas pelos serígrafos Carmen e Ricardo Osório, também generosamente.  
Na página [www.unicepe.pt](http://www.unicepe.pt), aberta aos associados, escrevem regularmente as escritoras Risoleta C. Pinto Pedro (desde 2005) e Filomena Cabral (desde 2006).

Além de livros, a oferta da UNICEPE passa por revistas, música e arte.

As vantagens dos associados são imensas, e a quota mantém-se em apenas 7,5 euros por ano.

Até hoje já se inscreveram na cooperativa 7310 associados.

Basta ter 14 anos e adquirir o mínimo de 30 euros de capital para ser associado. É uma magnífica prenda que se pode dar a familiares ou filho(a)s de amigo(a)s.

**Traz outro amigo também para a cooperativa de resistência e de afetos!**

Porto, 8 de março de 2014

(Dia Internacional da Mulher e centenário do *nascimento* de Alberto Caeiro, criado por Fernando Pessoa)

Rui Vaz Pinto  
Presidente da Direção



## 'M' DE MEMÓRIA

Parei de forma intrigante no tema quatro. Estava a ouvir pela primeira vez um novíssimo álbum de um talentoso cantor americano. Soou-me familiar, demasiado, a ponto de jurar com toda a determinação que não era uma estreia nos meus ouvidos. Foi há mais de dez anos atrás, e não me falha a memória... Aqueles quatro minutos e dezassete segundos não eram novidade para mim. Quando assim percebi, comecei uma busca incessante por todo o repertório do artista, no sentido de encontrar essa minha certeza. A canção era inédita!

O que nos diz o hipocampo? O que é o sistema límbico? Que fazem as fibras do corpo caloso? E quanto às numerosas trocas químicas e impulsos eléctricos da nossa 'malha' neuronal? Qual o papel da amígdala e do circuito das emoções nisto tudo?

Conceitos para muitos sem piada alguma, mas que achar deles quando, de uma forma engenhosamente poética nos fazem "cozinhar" verdadeiras

caldeiradas de experiências? E o nosso cérebro tem, por vezes, o prazer mórbido de nos pregar algumas partidas.

Fotografar é parar o tempo. O que é o presente? Especialistas falam em dois segundos até que este deixe de o ser. Aqui, a música pode ser o presente como continuação do passado. A música também tem memória, e a nossa mente lembra-se dela. Quantas vezes não sentimos que já conhecemos uma canção quando na realidade nunca a ouvimos antes? Uma voz, um som ou um instrumento... Quantas vezes não nos acontece recordar situações, acontecimentos importantes ou até pouco significantes enquanto escutamos determinada música? Lembrar é sentir. Não é raro relacionarmos sons ou músicas com determinadas experiências pessoais (sejas estas prazerosas ou traumáticas).

Um simples timbre de voz pode nos fazer sorrir. Uma sequência de notas, um riff de guitarra, os acordes de um refrão!, podem fazer aquele arrepio

e deixar-nos sozinhos com a eternização do presente. Recordar com a música faz-nos pensar no forte sentido que esta nos dá (para quem é amante da música, especialmente) como pessoa que transporta uma 'fita' emocional. O som aqui também é gravado, tal como nos estúdios por exemplo. O som é gravado como uma faixa de emoções que se relacionam com um momento. O histórico de emoções choca com o presente e há uma predisposição para a comparação e a analogia. Essa recordação trará uma emoção semelhante à anterior/nova emoção.

Tinha passado algum tempo depois do concerto há muito esperado por mim e alguns amigos. O álbum estreou cerca de dois anos depois desse espectáculo. Quando desisti da busca, percebendo que o meu cérebro

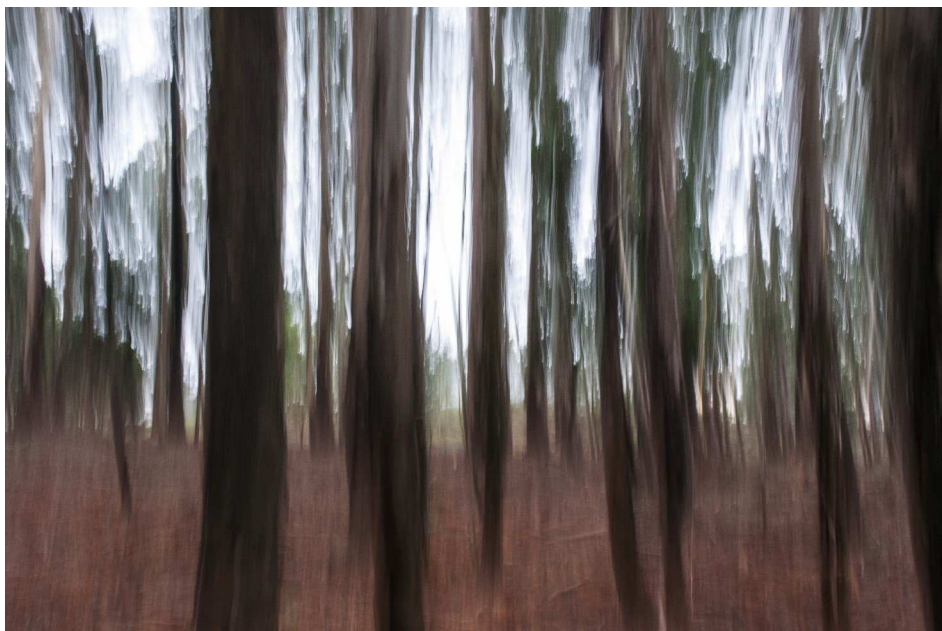
poderia ter 'inventado' uma memória, resolvi colocar essa dúvida a esses amigos que foram comigo assistir ao concerto. Estávamos a recordar em conjunto enquanto ouvíamos a tão controversa canção. Ninguém se lembra de alguma vez a ter ouvido, não lhes dizem nada aqueles acordes.

Estas experiências mostram como a música tem um cariz universal, assim como um carácter único, particular, individual.

Recentemente ouvi uma gravação do concerto e o tema quatro fez parte do alinhamento.

Renato Cruz Pereira





## O Desafio

Vejo a fotografia como uma incrível e fascinante forma de arte, capaz de transmitir de forma veemente e única visões, expectativas e sentimentos. Tendo a escrita criativa como uma das minhas paixões, foi-me colocado o desafio de criar um conto através da visualização de uma obra fotográfica da autoria de Filipe Carneiro (em cima). O resultado traduz-se na acumulação de sensações moldadas em texto, reproduzidas de forma indireta através da história de um professor de filosofia que se recusa a acreditar na existência da alma e na singularidade do homem.

**André Leitão**

## DECOMPOSIÇÃO DA ALMA

*Professor? Dizia...*

*- Certo, desculpe. Na aula passada fui confrontado com o argumento de que tudo isto... tudo o que nos rodeia, não pode simplesmente reduzir-se à materialidade do objeto. As pessoas não podem ser máquinas, porque as máquinas não pensam. Expliquei também o motivo de este argumento não me parecer válido... afinal de contas um jogo de computador consegue fazê-lo, não acha?*

*Aquele dispositivo composto por imensos circuitos apresenta crenças acerca da jogada que vamos fazer e traça uma estratégia lógica perspicaz para atingir o objetivo final: vencer.*

“Fastio. Um. Sufoco. Dois. Cansaço...”

Mais uma vez, a cassette de autoajuda não acalmou o fim de tarde de Bruno. Nada conseguia disfarçar o horrível som do limpa-pára-brisas, o constante atrito da borracha desgastada no vidro molhado.

A radialista constatava o óbvio, gastando dez minutos do seu entediante programa já considerado um enorme fracasso de audiências, a descrever aquele fim de tarde avassalador: uma sinfonia dramática de ondas sonoras composta por raios e relâmpagos que em nada facilitavam a entediante viagem de Bruno pela autoestrada 51.

Os intensos clarões iluminavam de forma intermitente a portentosa floresta negra que parecia querer engolir a estrada a cada quilómetro percorrido e que, de forma inexplicável e curiosa, recuava pensativa para iniciar novamente o mesmo processo. Desta estranha e perturbante formação natural de árvores gigantes e, contra todas as probabilidades da lógica, uma águia desamparada surgiu a corrigir voo.

A sua saída da floresta provocou um efeito maravilhoso, um efeito grandioso, uma libertação de folhas e galhos perfeitamente sincronizada formando um arco verde-alface em seu redor. Nas suas presas, os olhos de um coelho-de-amami perdiam cor, brilho e vida. A perda de equilíbrio foi momentânea e a retoma oportuna, mesmo a tempo de evitar um choque inusitado com o capô do carro cinzento que Bruno conduzia nesse final de tarde.

A ave de rapina rodou gentilmente a cabeça e observou mais uma vez o momento, agora de um ponto de vista seguro. Bruno abriu a janela do carro e espreitou para o exterior observando o seu desaparecimento por entre a chuva intensa e cerrada agora imune ao mau tempo que se havia instalado. O seu olhar de espanto traduzia inúmeras questões. Aquela ave parecia, de facto, estar em fuga.

*- Mas nós sentimos, temos emoções. Amamos, tememos, preocupamo-nos...*

*- Como define emoção? Como define, digamos... o medo? (Pausa) Se entendermos o medo como uma resposta comportamental de evasão que nasce de uma noção real de que se encontra algo ou alguém por perto que nos quer mal, já conseguimos comprovar através do exemplo anterior que um programa de computador consegue apresentar esse tipo de resposta intuitiva.*

Uma vibração regular e constante fez estremecer o compartimento do porta-luvas, onde Bruno guardara o seu telemóvel. Inspirou, clique... expirou. Os olhos cerraram-se, os lábios expandiram-se e as cordas vocais falharam. Um estado incontrolável de choque instalou-se, a única forma de evitar as palpitações provocadas pelo que acabara de ouvir traduzia-se num aumento de força significativo sobre o volante. O veículo alterou a sua marcha de forma abrupta, entrado em contramão, quase provocando um acidente com um outro condutor que, para felicidade de ambos os envolvidos, soube ser ágil no momento certo. A porta abriu-se e Bruno saiu abalado, embrenhando-se naquela floresta singular, entidade que traça o negro pano de fundo de todo este cenário aterrador. O interior da floresta conseguia apresentar traços ainda mais invulgares. Bruno correu de forma desalmada por um local profundo, denso e sem sinais aparentes de vida selvagem. No meio da distorção visual causada pela corrida, o desespero e a mágoa conduziam a fuga justificada; estranhas placas de madeira com mensagens pouco perceptíveis insistiram em evadir-se do seu campo de visão deturpado.

As enormes raízes de uma árvore idosa mas de tronco robusto escaparam de forma insólita para o exterior da terra, antevendo a inevitável e aparatosa queda de Bruno. Por fim. Um momento de pausa na sua desenfreada corrida acompanhada por lágrimas e lamentos, assombrada por um tipo de arrependimento fastidioso e inoportuno que não permite uma segunda oportunidade.

*- E a alma? Algo terá de nos diferenciar das restantes espécies. Existirá algo para além do corpo?*

*- Como consigo provar a existência das coisas? (Pausa) Através dos cinco sentidos. Usualmente basta-me ver ou tocar em algo para comprovar a sua existência. Mas como provo eu a existência de uma alma? Não é algo que eu possa ver, saborear, tocar, cheirar ou ouvir. É claro que podemos colocar a questão de que observamos, sentimos a alma diretamente dentro de nós e isso justifica a sua existência. Será assim? Não me parece. Observo muitas coisas no meu exterior e sinto imensas coisas no meu corpo, mas mesmo que acreditasse na existência de uma alma... não a vejo em mim.*

Bruno permaneceu deitado naquele terreno lamacento e húmido. À sua volta encontravam-se os mais estranhos objetos: roupas rasgadas já em decomposição e mochilas suspensas em árvores, a alturas onde dificilmente um homem chegaria utilizando apenas a força e a agilidade do seu corpo. Eram visíveis tendas de campismo degradadas a serem absorvidas pela vegetação. No solo, encontravam-se carteiras, canetas, isqueiros e pentes. Bruno desconhecia o facto de esta floresta ser malévola. Desconhecia as anteriores vítimas, assim como qualquer outra pessoa da sua cidade. Desconhecia a capacidade da floresta em aparecer apenas aos olhos de quem a procura e de se apoderar de forma insensata da dor alheia, manipulando-a de forma incansável e demente. Ela agravava-a, tornava os seus laços espinhosos ainda mais tortuosos. Que não se permitam equívocos: Bruno entrou para nunca mais sair. Término. Bruno fechou os olhos permitindo o último derrame de uma lágrima insurreta. Riu de forma tonta. Havia sido inteligentemente trapaceado por aquele assombroso local: sentiu a floresta morrer com ele, quando na realidade foi ele que morreu com a floresta.



A PROPÓSITO DE...

um fotógrafo da revista, **Carlos Costa**

Gerente Bancário, 39 anos, casado e com um filho de 7 anos.

Apaixonou-se pela fotografia há cerca de 5 anos e ingressou no GO UP (Grupo Olhares Unidos do Porto), um grupo online de apresentação e discussão de fotografia.

Interessa-se por vários temas mas preferencialmente por Fotografia de Rua e Grafismos.

Encontra-se registado em dois sites: [www.1x.com](http://www.1x.com) e [www.fineart-portugal.com](http://www.fineart-portugal.com), onde tem vários trabalhos selecionados

Publicações em revistas: "O Mundo da Fotografia Digital" e "DP- Arte Fotográfica"

Prémios:

- . 2º classificado na Maratona Fotográfica FNAC do Porto 2012
- . Finalista do Passatempo FNAC "Reflexos de Liberdade", 2013
- . 1º classificado na Maratona Fotográfica FNAC do Porto 2013
- . Finalista do concurso "Objectivamente Gaia 2013"
- . Finalista do concurso "Le Pus Grand Concours Du Monde 2013", da revista PHOTO, com um trabalho publicado na edição Jan-Fev 2014











Revista Online:

[www.issuu.com/pelikularevista](http://www.issuu.com/pelikularevista)

[www.flickr.com/photos/pelikularevista](http://www.flickr.com/photos/pelikularevista)

Mail:

[pelikularevista@yahoo.com](mailto:pelikularevista@yahoo.com)